

As perspectivas de mulheres na realização de uma mostra audiovisual insurgente

*Eixo Temático 15 – Formas de viver e desejar na Arte e na Geografia:
Perspectivas de pensar Corpo, Gênero e Sexualidade*

Giulia Neves Castellani ¹
Prof.^a Dr.^a Ana Maio²

RESUMO

Este texto tem como objetivo discorrer sobre a contribuição do projeto FRESTA – Mostra de Audiovisual Experimental para a difusão de cinema e vídeo experimentais e para a valorização da crescente produção audiovisual de artistas da região do extremo sul do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros. Evidenciamos a relevância da participação de mulheres nas diferentes etapas da concepção e da execução do projeto. Destacamos alguns dos trabalhos produzidos por realizadoras residentes do estado do Rio Grande do Sul que foram exibidos nas cinco edições da Mostra e apresentam a variedade de tendências na produção audiovisual contemporânea.

Palavras-chave: Artes Visuais; Audiovisual; Cultura; Experimental; Mostra.

INTRODUÇÃO

A FRESTA Mostra de Audiovisual Experimental é um projeto de extensão e cultura dos cursos de Artes Visuais da FURG realizado desde o ano de 2016, sob a Coordenação da Profa. Ana Maio e do Prof. Marcelo Gobatto do Instituto de Letras e Artes. Com periodicidade anual, a Mostra recebe inscrições de trabalhos produzidos por estudantes, egressos e docentes de Artes Visuais e outros cursos da FURG, assim como de artistas, realizadores e coletivos de todos os estados do Brasil, visando promover a

¹ Bacharel em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande – FURG; giulia96castellani@gmail.com;

² Professora do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande - FURG; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel; anazfmaio@gmail.com;

produção audiovisual universitária da região sul do estado do Rio Grande do Sul e também mapear o cenário cultural nacional.

A FRESTA configura um espaço cultural de produção, reflexão e difusão de cinema e vídeo experimentais, videoarte, videoprojeções e videoinstalações, exibindo obras que representam o trânsito entre as artes e o cinema, que caracterizam a experimentação visual e artística e se posicionam politicamente, a partir de conceitos emergentes orientados pela defesa dos interesses das comunidades LGBTQIA+, dos direitos das mulheres, e das populações negras e indígenas.

A seleção é realizada por uma comissão, composta pela equipe e convidadas/os com trajetória no campo do audiovisual. Nesse processo, são priorizadas as obras que apresentam abordagens comprometidas com a defesa do patrimônio cultural, com a livre expressão sexual, de gênero e de identidades, e com a afirmação dos povos, raças e etnias que constituem as diversidades da população brasileira.

O projeto tem parcerias institucionais com o Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes Visuais (PPGAVI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e com os Projetos de Extensão Oficina de Cinema e Cine Clube – OfCine e a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, ambos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS/ Campus Rio Grande.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.1 A propagação do audiovisual experimental no extremo sul do RS

Desde o início de sua trajetória, a FRESTA busca fomentar produções audiovisuais confluentes e conectadas às artes visuais, proporcionando um espaço importante para a reflexão e difusão do cinema e vídeo de tendências experimentais. As exposições da FRESTA ocorrem nos espaços do Prédio das Artes Visuais no Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, com instalações e no formato de exposição, havendo também algumas obras apresentadas por meio de projeção em sala escura. A visitação é aberta a comunidade acadêmica e em geral, destacando-se as visitas de turmas de escolas do município. Durante a programação de abertura, o evento promove a exibição de filmes e vídeos de artistas convidados seguidas de rodas de conversa.

A FRESTA se aproxima do cinema de exposição, promovendo discussões sobre o processo cinemático, distanciando-se de determinismos tecnológicos, históricos e estéticos. A esse respeito, André Parente (2008, p. 51) questiona:

De que modo o cinema expandido está transformando o dispositivo do cinema em suas dimensões primordiais, arquitetônicas (as condições de projeção das imagens), tecnológicas (a produção, edição, transmissão e distribuição das imagens) e discursiva (decupagem, montagem, etc.)?

Além de atender às expectativas de incentivar a produção dos estudantes dos Cursos de Artes da FURG e de divulgar a produção de realizadores do extremo sul, a FRESTA alcança outros estados brasileiros e, desde a última edição, países da América Latina. Conforme é possível observar na Tabela 1, a Mostra obteve um crescimento em relação a primeira edição tanto no número de inscritos quanto em abrangência no território nacional.

Tabela 1 – Participação por edição

Edição da FRESTA	Obras Inscritas	Artistas/Realizadores(as)	Estados brasileiros
1ª edição	69	41	7
2ª edição	70	54	8
3ª edição	268	230	20
4ª edição	217	169	18
5ª edição	509	423	24

Fonte: Acervo da FRESTA

A participação de artistas e realizadores de todo o país, além de expressar a diversidade sociocultural brasileira, apresenta a variedade de tendências na produção audiovisual contemporânea. Nesse contexto, as atividades da FRESTA contribuem com a descentralização da partilha do audiovisual brasileiro na busca em tornar a arte contemporânea acessível à sociedade riograndina.

1.2 A participação e as perspectivas artísticas de mulheres na FRESTA

A presença de realizadoras pertencentes as cinco regiões do país, de variadas etnias, culturas e tradições contribui com a diversidade de perspectivas artísticas potentes nas exposições, nos processos de seleção e nas práticas curatoriais da Mostra. Ao observar o trabalho da coordenadora do projeto, das duas bolsistas que participaram da equipe, das integrantes da comissão de seleção de cada edição e das

artistas selecionadas, é possível afirmar que a participação de mulheres é essencial e determinante para a concepção da FRESTA.

Nesse contexto, a trajetória da Mostra é indissociável do compromisso de celebrar mulheres pesquisadoras, ativistas, artistas, representantes de coletivos feministas e atuantes em contextos iberoamericanos. Como podemos observar na Tabela 2, houve variações na participação de mulheres na FRESTA no que se refere aos indicadores comissão de seleção e artistas selecionadas. Porém, é perceptível o crescimento da presença de mulheres quando comparamos os dados quantitativos das cinco edições. Além disso, quando analisamos alguns eixos temáticos determinados pela equipe curatorial, percebemos a predominância de mulheres na participação em programas que abordam temáticas insurgentes articuladas ao contexto sociopolítico e que denunciam as desigualdades de gênero, raça/etnia, sexualidade, classe e cor.

Tabela 1 – Percentual da participação de mulheres por edição

Edição da FRESTA	Comissão de seleção	Artistas/Realizadoras selecionadas
1ª edição	50%	36,36%
2ª edição	50%	50%
3ª edição	71,42%	58,06%
4ª edição	33,33%	44,44%
5ª edição	62,5%	47,89%

Fonte: Acervo da FRESTA

A seguir listamos um conjunto de obras exibidas nas cinco edições da FRESTA que foram produzidas por mulheres que residem e/ou trabalham no Rio Grande do Sul. Em comum, as produções artísticas afirmam a potência das perspectivas de mulheres para a realização de uma mostra audiovisual insurgente. Como é o caso do vídeo “Navegantes” (2016), de Viviane Gueller, que participou da 1ª Edição da Mostra, no ano de 2017. A artista expressa as subjetividades da paisagem ao sul do sul do país com imagens do seu cotidiano, capturadas a partir de deambulações no espaço urbano (Figura 1). O vídeo resulta da proposta de registrar ambientes de circulação intensa de pessoas, aonde a relação de subordinação do cotidiano faz com que as imagens e os sons que nos cercam se tornem banais, porém, a partir do registro videográfico, possam adquirir novos significados.

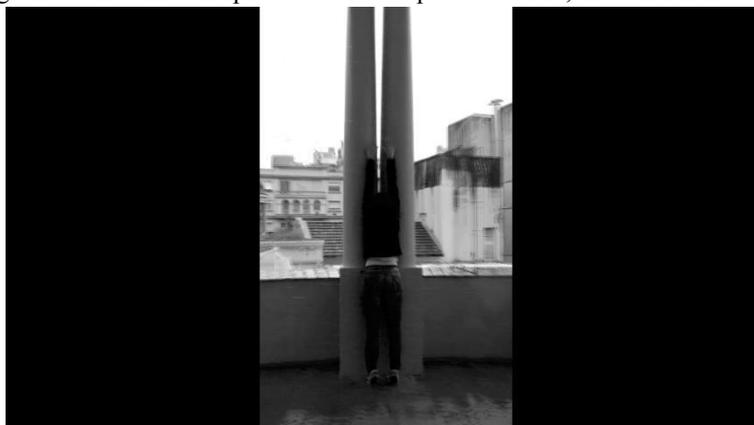
Figura 1 – Still do vídeo “Navegantes”, de Viviane Gueller.



Fonte: Acervo da FRESTA.

Exibida na 2ª Edição da Mostra, em 2017, a videoperformance “Impermanência” (2017), da artista visual e professora da Universidade Federal de Santa Maria, Andréia Oliveira, apresenta imagens de uma performance realizada na Casa de Cultura Mário Quintana (Figura 2). Retratando o seu corpo na dimensão de impermanência, como um templo insustentável que se tenciona e cai repetitivamente, a realizadora reflete sobre a experiência não-cronológica do tempo no vídeo.

Figura 2 – Still da videoperformance “Impermanência”, de Andréia Oliveira.



Fonte: Acervo da FRESTA

A obra “Percurso rurais e urbanos” (2018), da artista visual Tatiana Duarte, exibida na 3ª Edição da FRESTA, em 2018, implica um processo poético de performatizar memórias, aonde a artista repensa o presente olhando para a infância com a avó (Figura 3). Um celular é posicionado no fundo de uma vasilha de vidro que está sendo preenchida por grãos de arroz. A tela do dispositivo reproduz o registro de uma performance que mostra a artista caminhando no calçadão de Pelotas.



Fonte: Acervo da FRESTA

Exibido em 2019, na 4ª edição da FRESTA, o vídeo “Espelho que apresenta defeito” (2019), da artista visual e estudante do curso de Artes Visuais Bacharelado da FURG, Gabi Assunção, manifesta a solidão que os corpos transexuais e travestis estão sujeitos (Figura 4). A artista apresenta imagens de si mesma se arrumando diante do espelho enquanto faz a leitura da descrição de perfis de usuários de um aplicativo de relacionamentos homoafetivos, que possuem discurso transfóbico.

Figura 4 – Still do vídeo “Espelho que apresenta defeito”, de Gabi Assunção.



Fonte: Acervo da FRESTA.

Esse trabalho fez parte do programa “Narrativas de resistência e invisibilidades”, que é caracterizado por proposições artísticas comprometidas com questões sociopolíticas e que reagem às injustiças promovidas pelo machismo, racismo, homofobia, transfobia, xenofobia e outras injustiças sociais. Desde a criação desse eixo temático na FRESTA, observamos que a maioria dos trabalhos exibidos são realizados por mulheres, confirmando o recorte de gênero nas produções audiovisuais que se comprometem e se posicionam com estas questões.

Na 5ª Edição da FRESTA, que teve como tema “Insurgências em tempos de isolamento”, observamos a recorrência às narrativas pessoais nos trabalhos realizados durante o período de confinamento social gerado pela Covid-19. No programa “Ensaios do confinamento” identificamos um conjunto de práticas artísticas com imagens de ambientes domésticos produzidas, em sua maioria, com webcams e celulares que nos levam a seguinte indagação: O que significa posicionar uma câmera em um cômodo da casa e narrar a si mesmo?

O trabalho “O tempo...” (2020), de Luana Echevengúá Arrieche, é uma videodança realizada no interior do ambiente doméstico, na qual a artista está sentada diante de uma mesa, realizando uma coreografia articulada às suas memórias afetivas (Figura 5). No áudio, a artista sobrepõe camadas da sua voz que diz: “Fui embalada na infância pelas histórias contadas na voz de meu pai, na adolescência fui guiada pelos conceitos de minha mãe. Hoje me encontro e me reinvento no movimento”. O vídeo de Luana expressa a ativação da memória regulada pelo cotidiano e pelo tempo de espera, confirmando a tendência dessas poéticas às narrativas pessoais insurgentes e à performatização no espaço da casa.

Figura 5 – Still do vídeo “O tempo...” , de Luana Echevengúá Arrieche.



Fonte: Acervo da FRESTA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de significados gerados pelas exposições da FRESTA faz com que estas ocupem um papel fundamental no sistema das artes, principalmente, ao questionar e atualizar conceitos do campo artístico. Ressaltando que a Mostra é um evento que ocorre em uma universidade gratuita, pública, de qualidade e inclusiva, com recursos de

uma instituição de ensino superior federal. Portanto, com condições de trabalho distintas das que são encontradas em centros urbanos.

O conjunto de obras aqui apresentadas exprime a potência das perspectivas das mulheres nos debates emergentes na arte contemporânea e apontam para mudanças que vêm ocorrendo no audiovisual no que se refere a um cinema cada vez mais pessoal, experimental, atravessado por outras forças da vida e da arte, realizado por pessoas de diferentes grupos sociais e comunidades que criam as suas imagens e representatividades. Um audiovisual liberto das regras de uma arte moderna, elitista e colonizadora.

REFERÊNCIAS

PARENTE, André. Cinema de exposição: o dispositivo em contra/campo. *Revista Poiésis*, Nº. 12, p. 51-63. Niterói, Nov., 2008.